

**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

**Instituto de Geociências**

**Departamento de Geografia**



**O CONTEXTO DA PRODUÇÃO DE UM OBJETO  
GEOGRÁFICO NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO E SUA  
CENTRALIDADE: O ESTÁDIO DE SÃO JANUÁRIO.**

por

**Marcelo da Cunha Matos**

**Setembro, 2004.**

**O CONTEXTO DA PRODUÇÃO DE UM OBJETO  
GEOGRÁFICO NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO E SUA  
CENTRALIDADE: O ESTÁDIO DE SÃO JANUÁRIO.**

**MARCELO DA CUNHA MATOS**

**PROF. DR. GILMAR MASCARENHAS DE JESUS  
(ORIENTADOR)**

MONOGRAFIA SUBMETIDA AO CORPO DOCENTE DO  
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DO  
RIO DE JANEIRO COMO REQUISITO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE  
LICENCIATURA E BACHARELADO EM GEOGRAFIA.

**UERJ/IGEO/DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA**

**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

**Instituto de Geociências**

**Departamento de Geografia**

**O CONTEXTO DA PRODUÇÃO DE UM OBJETO GEOGRÁFICO  
NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO E SUA CENTRALIDADE: O  
ESTÁDIO DE SÃO JANUÁRIO.**

**por**

**Marcelo da Cunha Matos**

MONOGRAFIA SUBMETIDA AO CORPO DOCENTE DO  
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DO  
RIO DE JANEIRO COMO REQUISITO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE  
LICENCIATURA E BACHARELADO EM GEOGRAFIA.

APROVADA

Prof. Dr. \_\_\_\_\_  
Gilmar Mascarenhas de Jesus (Presidente da banca)

Prof. Dr. \_\_\_\_\_  
João Baptista Ferreira de Mello

Prof. Dr. \_\_\_\_\_  
Miguel Ângelo Campos Ribeiro

**Rio de Janeiro, RJ – Brasil**

**Setembro, 2004.**

Dedico esta monografia a todos que me apoiaram nesta minha empreitada e  
que sempre me motivaram a concluir esta faculdade.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer a Deus por ter escolhido esta cidade tão majestosa para eu nascer e morar e por ter me dado a vida a qual eu tanto zelo e amo;

Ao meu pai, Arlindo, por ter me ensinado como o trabalho, a luta e a honestidade podem dignificar o Ser Humano e torná-lo tão belo; e à minha mãe, Maria da Conceição, a melhor professora de Geografia desse mundo (e não digo isso só porque ela me pariu, falo isso porque ela realmente é muito boa educadora), que me influenciou na escolha da minha carreira. Foram eles que passaram por diversas dificuldades e abdicaram de inúmeros prazeres para me dar tudo do melhor, principalmente a minha educação;

Ao meu irmão, Luiz Fernando, grande economista, pessoa amiga, companheira, responsável, que também é fruto da educação que tivemos;

Aos meus avós maternos, Luiz e Arminda, que, como todos os avós, sempre fazem o que eu peço (sem o consentimento dos meus pais, logicamente...);

Aos meus avós paternos, Altino (*in memoriam*) e Amélia, que, mesmo não os conhecendo profundamente devido às barreiras geográficas, saibam que eu os amo muito.

Às péssimas condições rurais em Portugal na década de 50 que obrigaram os meus avós maternos a virem para o Brasil com o intuito de melhorar de vida e construir raízes nesse país;

A Antônio Salazar, ex-ditador português, que fez com que o meu pai viesse para o Brasil, fugindo do alistamento militar e, conseqüentemente, da guerrilha na Angola. Se não fosse por ele, possivelmente eu seria lusitano e não teria passado esses quatro anos (maravilhosos) da minha vida na Uerj.

A todos os meus familiares que estão em Portugal ainda hoje: tios, tias, primos, primas etc. Vocês fazem parte da minha história. Amai-vos!

À minha dinda, Aida, meu dindo, Francisco, minhas primas “forçadas”, Dedéia e Nonoca e minha afilhada linda, Clarinha. Nós somos do mesmo sangue sim!

À minha namorada, Natalia, por sua atenção, companheirismo e calma, estando sempre disposta a dar conselhos para mim quando eu sempre necessitava, e à sua mãe, Glória Barreto, por ter colaborado com a gramática, ortografia e as concordâncias desta monografia.

Aos meus grandes amigos que eu fiz durante esses anos na faculdade: Michel, Paulo (Valter), Raquel (Neusa), César “Bundica”, Rogério, Gustavo, Dani, Carol, Cintura, Leozinho, Robinho, Rodrigo e Rhalf. Falar de vocês é lembrar automaticamente de alegria, risadas, descontração e felicidade. Sem

vocês não teria existido o Malandróvisky! Eu torço pra trabalhar com vocês em algum colégio da vida. Se isso realmente acontecer, uma coisa é certa: o diretor desse colégio está completamente pirado!

Ao Prof. Dr. Victor Andrade de Melo pela colaboração, da Escola de Educação Física e Desportos da UFRJ, a qual faço parte também do corpo docente (fazer duas faculdades não é mole não...);

A todos os meus professores do departamento, principalmente meu orientador, Gilmar, pela ajuda, paciência e preocupação na construção desta monografia e aos professores João Baptista e Miguel Ângelo que se destacaram em minha mente pelo constante alto-astral durante esses anos.

## RESUMO

Conhecido como uma das maiores formas de publicidade do Brasil em âmbito internacional, o futebol passou a ser algo intrínseco na história do país. O estudo geográfico, com o seu vasto campo de pesquisa, disponibiliza meios para entendermos como este esporte bretão é capaz de deixar conseqüências visíveis no espaço, criando uma centralidade física e simbólica.

Desde meados do século XIX, a introdução da prática esportiva na cidade do Rio de Janeiro possui relações com a dinâmica sócio-espacial, uma vez que permitiu uma crescente renovação de usos dos espaços públicos da cidade e, conseqüentemente, a adesão aos esportes, influenciados, também, pelos costumes europeus.

Através de diversas intervenções urbanísticas e construções civis particulares, surgem novas formas cristalizadas na cidade – equipamentos esportivos – dotados de inéditos códigos de uso, até então desconhecidos para a maioria da população carioca.

Nessa perspectiva de fulgor esportivo, inspirado no progresso do futebol, nasce o estádio de São Januário com suas dimensões gigantescas para a época e sua arquitetura imponente.

Assim, esta monografia visa analisar a importância de uma instalação esportiva, o estádio de São Januário, e o contexto sócio-espacial de sua criação.

Localizado no recém-criado bairro de Vasco da Gama, na Zona Norte carioca, procuraremos entender os processos responsáveis por transformar São Januário na maior referência do local em questão.

Assim, perceberemos que um estádio de futebol possui características que transcendem os aspectos de um simples desporto, sendo também analisado como modificador e influenciador do espaço.

*“O conhecimento do Brasil passa pelo futebol”.*

(José Lins do Rego)

# SUMÁRIO

<b>CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....</b>	<b>p. 1</b>
<b>CAPÍTULO 1: A RELAÇÃO GEOGRAFIA-ESPORTE.....</b>	<b>p. 7</b>
<b>CAPÍTULO 2: O ESPORTE NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO.....</b>	<b>p. 17</b>
2.1) O espaço urbano e a vida cotidiana no Século XIX.....	p. 18
2.2) O contexto da inserção dos esportes na cidade.....	p. 21
2.3) As primeiras modalidades esportivas.....	p. 23
<b>CAPÍTULO 3: FUTEBOL E SUA POPULARIDADE: O VASCO DA GAMA.....</b>	<b>p.28</b>
3.1) Enfim, surge o futebol no Rio de Janeiro.....	p. 30
3.2) O Futebol bate à porta da Colônia Portuguesa.....	p. 33
<b>CAPÍTULO 4: O ESTÁDIO DE SÃO JANUÁRIO COMO CENTRALIDADE.....</b>	<b>p.38</b>
4.1) A construção do estádio.....	p. 39
4.2) São Januário como instrumento político.....	p. 40
4.3) O Estádio e sua reprodução no espaço.....	p. 41
4.4) O Estádio como centralidade.....	p. 43
4.5) A criação do bairro.....	p. 45
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>p. 53</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>p. 56</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>p. 61</b>

# ÍNDICE DE MAPAS, FIGURAS E FOTOS

## MAPAS

- Mapa 01:** Possíveis mudanças no sistema de transportes com a chegada dos Jogos Pan-Americanos em 2007.....p. 16
- Mapa 02:** O Bairro Vasco da Gama.....p. 52

## FOTOS

- Foto 1:** A Avenida Beira-Mar em 1905.....p. 27
- Foto 2:** O primeiro jogador negro a ingressa numa equipe de futebol.....p. 37
- Foto 3:** Pedra fundamental da construção de São Januário.....p. 47
- Foto 4:** vista aérea do estádio no período as sua construção.....p. 47
- Foto 5:** Cerimônia de inauguração do estádio.....p. 48
- Foto 6:** Fachada do estádio nos primeiros anos de sua existência.....p. 48
- Foto 7:** Desfile do então presidente da República, Getúlio Vargas, em São Januário.....p. 49
- Foto 8:** Entrada principal do estádio com destaque para o comércio informal na área.....p. 49
- Foto 9:** Vista aérea da área comprada pelo Vasco da Gama.....p. 50
- Foto 10:** Casas compradas pelo clube.....p. 50
- Foto 11:** Vilas do bairro que se tornaram residências de atletas.....p. 51
- Foto 12:** Rua em frente ao estádio em dias de jogos.....p. 51

## **CONSIDERAÇÕES INICIAIS**

Ao longo dos anos, a cidade do Rio de Janeiro construiu uma história marcante com relação às práticas esportivas. Seja, ou não, em âmbito competitivo, o gosto pelos esportes se faz bastante presente na vida do povo carioca, até porque nosso clima, nossas paisagens e nossas relações sociais induzem significativamente a isto.

Ao observarmos a situação sócio-cultural do século XIX, um ambiente social indiferente aos esportes, em que não havia nenhuma preocupação com as atividades físicas, torna-se inusitado como, no decorrer do tempo, a prática esportiva e do lazer evoluiu, chegando a ponto de se tornar algo extremamente necessário à vida de qualquer cidadão, sendo um direito social estabelecido na própria Constituição.

O Esporte, enquanto uma manifestação cultural impregnada pelos valores da era moderna, ocupa-se de uma parte bastante visceral do cotidiano das pessoas, onde em seu bojo traz consigo as idiosincrasias de uma sociedade capitalista. Além disso, os sentidos e práticas sociais produzidos ao seu redor não podem ser negligenciados. É, portanto, nos espaços da cidade e no cotidiano das pessoas e grupos sociais que o esporte encontra formas variadas de existência e manifestação.

No decorrer do século XX, o Rio de Janeiro foi palco de importantes fatos ligados ao fenômeno esportivo nacional, como, por exemplo: o desenvolvimento dos esportes náuticos (o que significou uma mudança de costumes, como, por exemplo, com a ocupação das praias como opção de lazer e com o aumento da exposição corporal), o crescimento das ligações entre atividade física e saúde (especialmente nos dias atuais em que a preocupação com a saúde, o culto ao corpo e a preocupação com a qualidade

de vida estão em larga evidência na nossa sociedade), o surgimento de atividades físicas alternativas ligadas à natureza (os chamados esportes radicais como rafting, vôo livre, trekking etc) e mesmo a realização de muitos campeonatos esportivos de importância mundial, onde se destaca a realização da Copa do Mundo de Futebol em 1950 e a construção do estádio Mario Filho, mais conhecido como Maracanã, equipamento esportivo que ocupa papel singular no imaginário nacional.

Atualmente, essa íntima ligação do Rio de Janeiro com o esporte é notório. Os Jogos Pan-americanos de 2007 que serão realizados na cidade e o desejo de sediar os Jogos Olímpicos são acontecimentos que corroboram este fato. Por certo, tais eventos produzirão mudanças significativas no espaço urbano e, sobretudo, mobilizarão a população carioca e todos os brasileiros, constituindo-se em momento ímpar para reforçar ainda mais esta identidade da cidade com o esporte.

Com esse quadro, somente recentemente o esporte vem paulatinamente chamando a atenção de vários pesquisadores de diversas áreas científicas, como os geógrafos, não se limitando esses estudos apenas às ciências da saúde como a Educação Física, Fisioterapia etc. Esse possível isolamento científico teve a contribuição das poucas ligações entre o mundo acadêmico e as instituições esportivas, bem como com os órgãos executores de políticas públicas, notadamente no que se refere a sua compreensão enquanto fenômeno social.

Indubitavelmente, vemos o futebol como a maior modalidade esportiva praticada no país. Devido ao seu crescimento, fácil assimilação, organização e profissionalismo, nascia em torno dos brasileiros uma paixão referente ao

futebol e tudo que o cerca. Esta modalidade esportiva começou a tomar grandes proporções criando conseqüências enormes para a sociedade e seu espaço. Não ficou apenas sendo estudado como um simples desporto, mas, sim, trabalhado de forma multifacetada como um importante fenômeno sócio-cultural, embasado por outros campos científicos. Esta monografia pretende ratificar isto.

Dessa forma, este trabalho evidenciará como recorte espacial a sede principal do Club de Regatas Vasco da Gama e objeto geográfico desta pesquisa. O principal objetivo é mostrar como um estádio de futebol pode se tornar uma referência espacial muito marcante, influenciando a dinâmica sócio-espacial e tendo uma forte projeção no bairro em que se localiza.

A importância de um equipamento esportivo do porte do estádio de São Januário pode contribuir para chamar a atenção para temática de tamanha importância, estimulando e aprofundando a discussão, sua compreensão, a interação e o trâmite de informações acerca do assunto, o qual está compreendido numa vertente geográfica relativamente nova: a Geografia dos Esportes.

Para darmos coerência à temática em tela, iremos explicar os conceitos de centralidade, fixos, fluxos e território a fim de entender como o processo urbano, a partir do Estádio São Januário, foi construído e alterado.

O estádio com sua bela arquitetura e dimensões grandiosas, cristalizado num espaço pobre e bastante simples do bairro, transforma-se num objeto extremamente patente aos olhos de qualquer indivíduo que por ali porventura passa.

Portanto, decidimos investigar tal assunto como objeto central, por ser o principal fixo e possuir uma centralidade admirável naquela área. Além disso, esta área, Geografia dos Esportes, é um campo relativamente novo e pouco explorado no Brasil, não tendo muitos trabalhos relacionados ao assunto.

Para familiarizar-se com tal área de estudo, explicitaremos, no capítulo 1, a relação que a Geografia tem com os Esportes. A princípio, pode parecer bastante estranho esta junção, mas ficará claro, posteriormente, o seu vínculo. Talvez seja por isso que ainda poucos geógrafos se debruçaram neste vasto campo de estudos.

O capítulo 2, “O esporte na cidade do Rio de Janeiro”, analisará o espaço urbano a partir do século XIX, as causas que levaram a inserção do esporte no cotidiano da população, modificando os costumes da sociedade, as primeiras modalidades esportivas da época e, como último tópico, a ascensão do futebol na cidade, desde sua chegada, que inicialmente foi motivo de estranheza para os cariocas, passando por suas características elitistas e preconceituosas até chegarmos à sua popularização.

No capítulo 3, examinaremos a história do clube em questão. O Vasco da Gama surgirá como um clube inicialmente para a prática do Remo, esporte mais popular no final do século XIX (*belle époque*). Só que anos depois, em 1916, nasceu o time de futebol e, por consequência de sua ascensão e necessidade, em 1927 foi construído o Estádio de São Januário, que seria até 1942 o maior estádio do país e até 1950 o maior do Rio de Janeiro.

Atualmente, a sede principal do Club de Regatas Vasco da Gama tornou-se algo que transcende a função de um estádio de futebol. Ele é um objeto central de grande importância e de forte identidade para a área ao seu

redor, influenciando o espaço, tanto numa esfera social quanto espacial e, até mesmo, econômica.

Inicialmente o clube era localizado no bairro de São Cristóvão, porém, através de um projeto de lei de 1997, o então vereador Áureo Ameno criou o projeto de criação do bairro Vasco da Gama na área em que o Estádio se encontra, além de algumas ruas próximas. Isso, além do parágrafo anterior, faz parte da análise que faremos no capítulo 4, “O estádio de São Januário como centralidade”.

A metodologia para a elaboração desta pesquisa baseia-se em trabalhos de campo pela área em questão, entrevistas com moradores e levantamento bibliográfico referentes aos suportes conceituais. Além disso, dentre as contribuições utilizadas no trabalho, destacaremos as valiosas citações dos Profs. Drs. Roberto Lobato Corrêa, Victor Andrade de Melo, Gilmar Mascarenhas de Jesus e João Baptista Ferreira de Mello.

Dessa forma, veremos como um estádio de futebol conseguiu, através de sua importância física e simbólica, alterar o espaço e, ao longo do tempo, foi ampliando suas áreas de influência. Enfim, o futebol apresenta-se como uma importante caixa de repercussão, contribuindo direta e indiretamente para a dinâmica sócio-espacial na cidade do Rio de Janeiro.

**CAPÍTULO 1:**

**A RELAÇÃO GEOGRAFIA-ESPORTE**

“É bastante compreensível a reação de estranhamento provocada com quem se depara pela primeira vez com o “inusitado” casamento entre os esportes e a Geografia” (MASCARENHAS, 1999, p. 46). Na verdade, essa intrigante correlação causa indagações somente para quem analisa o esporte apenas pelas suas práticas competitivas, regras, treinamentos, a fisiologia do exercício, preparações físicas e performances dos atletas. O mesmo acontece ao se observar a Geografia como uma ciência que estuda apenas acidentes físicos, pois analisando o esporte como um agente modificador do espaço, descobriremos inúmeras semelhanças entre esses dois campos.

A análise das práticas esportivas tendem a ganhar demasiadamente com as contribuições geográficas, visto que os esportes passarão a ser observados como algo muito mais vasto e complexo, podendo gerar diversos benefícios para a sociedade. “A Geografia movida por suas transformações recentes, começa a se debruçar sobre este rico e vasto campo de investigação, disposta a oferecer uma contribuição e um “olhar” peculiar” (MASCARENHAS, 1999).

A Geografia dos Esportes ainda possui um discreto, porém sólido, espaço no campo científico e é, muitas vezes considerada por seus autores como uma ramificação da Geografia Cultural. Iniciou-se de forma modesta e dentre alguns autores, podemos destacar o inglês John Bale<sup>1</sup>, o norte-americano John Rooney<sup>2</sup>, além de colaborações dos geógrafos franceses Jean-Pierre Augustin e Loïc Ravanel (que produziu um dos poucos estudos geográficos exclusivos sobre futebol) e o português Jorge Gaspar.

---

<sup>1</sup> Professor da Keele University, responsável pelo maior número de publicações na área de Geografia dos Esportes.

<sup>2</sup> Estudioso do grupo de estudos sobre esporte do Departamento de Geografia da Oklahoma State University.

Tais autores, ao longo do tempo, têm trabalhado arduamente com o intuito de conceder credibilidade à Geografia dos Esportes no cenário científico através de trabalhos, visando obter notabilidade e prestígio. Em certos países, a Geografia dos Esportes já obtém alguma consistência. Para corroborar tal fato, podemos destacar a graduação em *Geography and Sports Science* da Universidade de Birmingham, UK, voltada para a gestão e planejamento de espaços de recreação e esportes na cidade.

Em âmbito nacional, percebemos uma ausência de trabalhos geográficos que envolvam direta ou indiretamente a atividade esportiva. O pioneirismo não apenas no Brasil mas em toda América Latina é dado por Gilmar Mascarenhas de Jesus, idealizador da criação da disciplina “Geografia dos Esportes” de caráter eletivo do Departamento de Geografia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, no qual este trabalho se inspirou.

Porém, podemos destacar outros profissionais de diversas áreas no Brasil que têm elaborado alguns estudos relacionados ao esporte, merecendo destaque, tais como: Maurício Murad do Departamento de Ciências Sociais da Uerj, atuando na Sociologia do Esporte; Victor Andrade de Melo da Escola de Educação Física e Desportos da UFRJ com área de atuação em História do Esporte, Estudos do Lazer e Estudos Culturais; o economista da UFRJ, Fábio de Silos Sá Earp, estudioso da Economia do Esporte; e o historiador Leonardo Affonso de Miranda Pereira da Unicamp, doutor em História Social, mostrando que outros campos científicos também estão se aventurando pelo mundo esportivo, não sendo restrito apenas à Geografia.

Assim, projetos direcionados à dinâmica em tela tendem a estimular a interação de grupos de pesquisa<sup>3</sup> relacionados de alguma forma ao estudo do esporte, criando articulações entre o conjunto de reflexões e experiências de atuação destes grupos. Além disso, tais projetos geram demandas de estudos e conhecimento de intervenção relacionadas ao esporte, de forma a estimular o aumento quantitativo e qualitativo das reflexões acerca do objeto. E a Geografia, com sua capacidade de analisar o espaço e a sociedade de forma ampla e ímpar, apresenta ferramentas fundamentais para oferecer subsídios consistentes à problemática em questão.

Ao mesmo tempo, tais contribuições esclarecidas pelos estudos citados acima possibilitam encaminhar, a entidades interessadas, informações e análises para subsidiar o desenvolvimento esportivo estadual e nacional e, conseqüentemente, oferecer apoio consultivo a agências de fomento, outras instituições e empresas, bem como para a mídia, em assuntos relacionados ao esporte, contribuindo na divulgação para a população fluminense de aspectos relevantes relacionados ao esporte.

Podemos verificar a relação dos esportes com a Geografia de diversas maneiras. Vejamos exemplos desta correlação:

O Golfe e o Turfe são esportes que, para serem realizados, necessitam obrigatoriamente de uma área extremamente ampla e com certas especificidades. Assim, sem um local com essas características fica inviável sua prática.

---

<sup>3</sup> Neste contexto, no início de 2004, foi criado no Rio de Janeiro o Instituto Virtual do Esporte, sediado no Centro de Memórias da Escola de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Este Instituto tem como objetivo principal a criação de uma rede de promoção de pesquisa vinculado ao estudo do esporte a partir de uma perspectiva multidisciplinar.

Ao somarmos isso com sua condição elitista, essas atividades contribuem com uma valorização do solo em que eles se encontram e de suas redondezas, ocasionando uma especulação imobiliária. “John Bale estima que no Reino Unido (onde tais campos de “monocultura” ocupam preciosos 80 mil hectares de terra) a presença de campos de golf valorizam em média as propriedades mais próximas em cerca de 10%” (MASCARENHAS, 1999, p. 51). Em certos locais, tais campos são criados justamente para haver uma valorização do solo, muitas vezes deixando em segundo plano a finalidade esportiva. No caso do Rio de Janeiro, podemos corroborar este acontecimento através de São Conrado, bairro carioca de classe alta, que abriga um dos maiores e mais refinados campos de golfe da cidade, o *Gávea Golf And Country Club*.

O aumento da prática dos chamados esportes radicais como, por exemplo, Rafting, Trekking, Rapel, Corrida de Orientação, entre outros elevam muito o campo de trabalho para os Geógrafos, pois tais esportes devem ter um cuidado essencial com o meio ambiente. Assim, esta profissão pode averiguar se as áreas determinadas para essas práticas esportivas estão sujeitas a sofrerem degradação, se há o risco de haver deslizamentos de terra etc. Além disso, o Geógrafo pode se fazer presente também na elaboração de cartas, material indispensável para esportes como o Trekking e a Corrida de Orientação.

Na cidade do Rio de Janeiro, o equipamento esportivo mais presente é o campo de futebol. Seja ele pavimentado com gramado, terra batida ou cimento, este é cenário da atividade física mais querida pelo carioca, ou melhor, pelo brasileiro. Mascarenhas (2001, p. 2) exemplifica isto ao mostrar que:

“Nos menores sinais de aglomeração humana, mesmo nas mais remotas regiões, notar-se-á que dois objetos na paisagem caracterizam o essencial do nosso ecúmeno: um pequeno templo católico e um campinho de futebol”.

E estudos elaborados pelo departamento de Sociologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro revelaram que o “campinho” de futebol é mais freqüente na paisagem do que a própria igreja (MASCARENHAS, 2001).

Entretanto, o campo de futebol público, atualmente, tem perdido um pouco de espaço e, conseqüentemente, praticantes, pois vemos nascer, a partir do final da década de 90, a época dos gramados particulares sintéticos, localizados em clubes, condomínios fechados etc. Junto a isso, há o aumento da especulação imobiliária que tem acabado com os “campinhos” de futebol, além do crescimento da violência urbana que tem levado os cidadãos a se reservarem mais.

Conseqüentemente, os indivíduos com grande poder aquisitivo serão os únicos que poderão pagar a clubes e/ou escolinhas de futebol possuidores desses campos modernos, restringindo este lazer a uma camada privilegiada da população.

O estádio de futebol, além de ser utilizado para jogos, já foi, ao menos no período do Estado Novo, palco para manifestações políticas e cívicas organizadas pelo governo. O estádio municipal do Pacaembu, localizado na cidade de São Paulo, era usado para comemorações de 1º de maio, o Dia do Trabalho. Todavia, é interessante ressaltar que tais eventos não aconteciam sem qualquer relação com o futebol, pelo contrário, importantes partidas entre os clubes da cidade eram também muito esperados pelos espectadores. Negreiros (1997, p. 43) via no público desses acontecimentos “um misto de

torcedores com trabalhadores ligados aos sindicatos controlados pelo Estado”. Posteriormente, veremos que o estádio de São Januário também foi cenário de eventos com este.

Ao tratarmos de modificações espaciais na Geografia dos Esportes, os Jogos Olímpicos é indubitavelmente o evento esportivo que altera mais a morfologia, a funcionalidade e a dinâmica territorial. Augustin (1995) alerta para o quanto estes representam uma autêntica vitrine das potências econômicas, alimentando no plano imaginário a lógica das profundas desigualdades no cenário internacional.

Segundo Muñoz (1996), a partir de 1932 é pertinente falar em “urbanismo olímpico”, quando a cidade de Los Angeles, abalada pela crise de 1929, utilizou os Jogos como forma de melhorar sua economia e planejar a cidade. A cada Olimpíada inovações surgiam e modificavam a estrutura social, econômica e espacial das cidades por onde este evento passava. Berlim, sede das Olimpíadas de 1936, inovou com as edificações de vilas olímpicas. Já em 1952, Helsinki utiliza os Jogos para inaugurar projetos habitacionais. O apoio de universidades foi utilizado primeiramente em Melbourne através de suas infra-estruturas esportivas. Roma, em 1960, viu em sua vila olímpica um forte condicionante para criar um projeto de expansão urbana.

Os equipamentos esportivos eram objetos de aproveitamento a fim de valorizar certas áreas que, até então, estavam desprezadas, fato que aconteceu em Munique (1972) e em 1976, na cidade de Montreal.

Seul (1988) e Barcelona (1992) desenvolveram-se urbanisticamente e criaram centralidades em suas paisagens. Além disso, tornaram-se cidades

com um grande número de turistas e investimentos internacionais após os Jogos Olímpicos.

Deste modo, ao analisarmos as inovações que cada cidade propôs, fica claro que cada “olimpíada vem deixando (ou propiciando) marcas indeléveis na paisagem das cidades, tornando-se uma efetiva possibilidade de executar o planejamento urbano” (MASCARENHAS, 2002, p. 12).

Assim, inegáveis conseqüências que as Olimpíadas trazem para a cidade-sede, como a dinamização da economia local, uma redefinição da imagem da cidade em caráter mundial etc, levam diversas cidades de vários países a quererem comportar toda a estrutura que esta necessita, pois muitas delas utilizam deste evento como forma de melhorar sua condição social e financeira.

O exemplo dos Jogos Pan-americanos de 2007, que serão sediados na cidade do Rio de Janeiro, e a vontade futura de sediar as Olimpíadas, indubitavelmente, trarão conseqüências notáveis e deixarão para a cidade e o país um legado nos campos esportivo, econômico, social, cultural e urbano, além das melhorias estruturais e, sobretudo, da imagem da cidade no exterior, “posto que sua prática implica transformações significativas na forma e na dinâmica territoriais” (MASCARENHAS, 1999, p. 50).

A seguir, através do mapa 1, podemos analisar as possíveis mudanças no sistema viário e de transportes que ocorrerão na cidade com a chegada dos Jogos Pan-americanos. Essas obras serão feitas com o intuito de suprir a demanda que, certamente, aumentará na época do evento e que, após os Jogos, facilitarão o deslocamento da população carioca.

Acontecimentos como estes sugerem uma infra-estrutura de amplo tamanho. Mascarenhas (1999, p. 50) ainda ressalva que:

“São estádios, ginásios, pistas diversas, enfim, um amplo conjunto de equipamentos fixos na paisagem e geralmente de grande porte físico, o que resulta em maior capacidade de permanência. São também objetos de grande visibilidade na paisagem urbana, comparecendo assiduamente no repertório imaginético da sociedade, como por exemplo, nos mapas mentais, aquele que procuram sintetizar a percepção humana em uma cartografia subjetiva, calcada em sentimentos do homem comum diante dos lugares”.

É por isso que o presente trabalho pretende observar um estádio de futebol por uma outra ótica, mostrando a importância deste objeto geográfico para a área que o cerca, tendo como foco principal o Estádio de São Januário, sede principal do Club de Regatas Vasco da Gama.



**CAPÍTULO 2:**

**O ESPORTE NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO**

Para entendermos a inserção do esporte na cidade do Rio de Janeiro, devemos analisar, primeiramente, a evolução e as modificações do espaço urbano e os costumes da população carioca, pois veremos que a prática esportiva sofreu várias influências nesse contexto social.

Assim sendo, começaremos a analisar este processo do início do século XIX, pois é somente a partir desta época que o esporte começou a surgir na cidade.

## **2.1) O ESPAÇO URBANO E A VIDA COTIDIANA NO SÉCULO XIX**

A história do esporte está intimamente ligada à dinâmica estrutural urbana da sociedade e é através desta que entenderemos sua evolução. Brena (1985, p. 8) afirma:

“É no espaço urbano que se defrontam as ideologias e as praxes, e onde podemos ler, de forma bastante clara, os mecanismos e resultados daquilo que foi se definindo cada vez mais como um verdadeiro “choque cultural””.

Nesta época, a população do Rio de Janeiro, localizada no que é hoje a área central da cidade, valorizava mais as atividades espirituais do que as atividades físicas, sendo essas alvo de desdém e preconceito.

Esse cenário de aversão por qualquer tipo de exercício físico era explicado pelas atitudes de desconsideração que a sociedade carioca tinha pelo espaço público: um ambiente apático, indiferente. A população utilizava-o de uma maneira bastante austera e com uma concepção muito distinta da que se tem nos dias atuais.

A vinda da família real em 1808 para a cidade, fugindo da invasão napoleônica em Portugal, ocasionou algumas mudanças a fim de abastecer as necessidades da corte portuguesa, acostumada a uma vida social mais intensa. O cotidiano da cidade resumia-se em procissões e cerimônias públicas, únicas atividades sociais freqüentadas pela população no espaço urbano.

As classes elitistas da cidade claramente demonstravam sua posição quanto ao espaço urbano da época. Eram extremamente indiferentes em relação a qualquer tipo de ato que exigisse esforço muscular, não havendo qualquer preocupação com a saúde física. Além disso, havia uma ausência de socialização nas ruas e o costume em sair de casa era praticamente inexistente (MASCARENHAS, 1999).

O mau cheiro, o tráfego intenso, barulhento e perigoso das carroças, além das péssimas condições de pavimentação das ruas, eram outros aspectos negativos que refutavam a idéia de uma aproximação da população ao espaço público, local que na época demandava uma organização social. Melo (2001, p. 38), a respeito desse assunto, complementa que no Rio de Janeiro

“...as condições de saneabilidade e salubridade eram péssimas. Sem uma estrutura de esgotos, coleta de lixo e abastecimento de água, a população era constantemente agredida pelas epidemias de doenças tropicais, como a cólera e a febre amarela. Somava-se a isso uma medicina bastante embrionária e os costumes pouco higiênicos trazidos pelos colonos portugueses”.

Mascarenhas (1999, p. 22), assim, percebe que:

“Tais atitudes deixariam profundas marcas nos espaços públicos de nossas cidades: durante a maior parte do tempo estes seriam povoados quase que exclusivamente pelas massas de negros escravos em sua pesada labuta

cotidiana: o varejo ambulante, a coleta de água, o transporte de pessoas e mercadorias etc.”

Dessa forma, com um panorama urbano como este, o desenvolvimento de uma rede de sociabilidades que pudesse, porventura, gerar em práticas esportivas foi dificultada profundamente. Entretanto, ao longo do século XIX, a tradicional visão que fazia parte dos espaços públicos agregava certos valores que mostravam que a evolução da prática esportiva pela população carioca era questão de tempo e novos hábitos seriam incorporados às suas vidas.

Um processo iniciado em meados do século em questão ajudou a mudar esta problemática social que havia na cidade: o fortalecimento das teorias higiênicas. Pereira (2000, p. 42) afirma:

“Dentro desse impulso geral, que vinha pelo menos desde os tempos do Segundo Reinado, um objetivo particular ia assumindo, para os médicos dos primeiros anos do século, uma importância especial: a higienização do corpo do indivíduo, supostamente depauperado por séculos de inércia e de preguiça”.

Médicos da época já refletiam acerca da importância das atividades físicas para crianças, adolescentes e adultos. Inúmeros estudos foram publicados e, junto a isso, ganhava força a inclusão do ensino da ginástica em escolas primárias e secundárias da cidade.

O trecho abaixo exemplifica a preocupação que o educador Paulo Lauret tinha com relação à necessidade dos exercícios ginásticos, ferramenta fundamental para o futuro dos indivíduos e da sociedade:

“(…)Lembre-mo-lo hoje às mães, a quem a educação física deve merecer os maiores desvelos. Não há espírito são onde o corpo é fraco.

E vós, oh mães! Que muitas vezes, nos eflúvios do vosso amor, cerrais os olhos e os ouvidos à ciência, à consciência e ao dever, tornando-vos impotentes para a missão sublime, escutai um conselho que mais tarde vos dará o prazer de terdes cumprido um dever, e olhardes para o fruto do vosso ventre

com alegria, em vez de passardes horas de vigília junto da cabeceira daquele que adorais” (Lauret apud Pereira, 2000).

As teorias higiênicas transformavam-se, portanto, num primeiro passo para a inclusão de novos adeptos aos esportes. Além do mais, era uma sólida justificativa para empresários convencerem patrocinadores a conceder um suporte adequado para implantação de futuros espaços para o jogo e, até mesmo, formulação de campeonatos.

É válido que, já no Renascimento, no século XVII, também se levantou essa questão ao se abordar um novo conceito de uso do corpo e das atividades físicas, atrelando o corpo à alma, o que proporcionava maior atenção à higiene mental e física. Assim, nasceu a idéia da Educação Física como formação integral e livre da personalidade.

## **2.2) O CONTEXTO DA INSERÇÃO DOS ESPORTES NA CIDADE**

De fato, como visto acima, a prática esportiva teve muitas dificuldades para se instalar na cidade do Rio de Janeiro. Mesmo com as teorias higiênicas formuladas por muito médicos da época, havia ainda um certo receio nesta novidade que estava sendo disseminada pela cidade.

Uma ausência de oportunidades para o lazer dos cidadãos foi outro requisito que impulsionou a inserção dos esportes, pois sabemos que existia, como explicitado anteriormente, uma atrofia das relações sociais. Assim, ao se deparar com tal novidade, tornar-se-ia inevitável a curiosidade e a discussão da população sobre aquele acontecimento.

“A prática dos esportes ao ar livre no Rio de Janeiro, por exigir espaços abertos, se realizava em praças, parques, praias e baldios, tornando a atividade visível à comunidade local e, portanto, passível de assimilação” (MASCARENHAS, 2002, p. 133).

Outro fator preponderante que influenciou a inserção dos esportes foi o regresso de universitários brasileiros vindos da Europa, principalmente da Inglaterra. Além de cursarem uma universidade no exterior, esses rapazes de famílias nobres, elitistas, obtinham novos hábitos sociais e culturais, dentre eles o futebol, hábito já difundido com uma maior regularidade nos países nos quais eles residiam. Ao voltar para o País, difundiam o futebol pela cidade, tornando-se tal prática o passatempo principal, capaz de aprimorar a inteligência, o caráter e outros atributos morais (MASCARENHAS, 2001).

Havia, também, a forte influência de missionários ingleses, vindo a trabalho ao Brasil. Foram eles que “trouxeram o hábito e o desejo de estruturar clubes, organizar competições esportivas e até mesmo ensinar práticas ligadas às atividades físicas e esportivas” (MELO, 2001, p. 24).

A adoção do modismo europeu pelas elites da cidade, a chamada *belle époque*, foi algo primordial para haver uma mudança de postura com relação a esses novos hábitos, já que sem a referência do Velho Mundo o país continuaria com os mesmos costumes nada aprazíveis do período do início do século XIX.

No início do século XX, outro fator preponderante que indiretamente influenciou a evolução esportiva, visto que não era seu objetivo principal, foi a Reforma Passos, de 1902 a 1906. Influenciada pela *belle époque*, a cidade do Rio de Janeiro passou por um grande plano de remodelação urbanística (seguindo o modelo francês) e, conseqüentemente, trazendo inúmeras

modificações de cunho social e até mesmo cultural. Abreu (1997, p. 67) apóia a idéia de que a Reforma Passos:

“É a superação efetiva da forma e das contradições da cidade colonial-escravista, e o início de sua transformação em espaço adequado às exigências do Modo de Produção Capitalista. Neste movimento de transição o papel do Estado foi fundamental, tanto no que diz respeito à sua intervenção direta sobre o urbano, como no que toca ao incentivo dado á reprodução de diversas unidades do capital”.

Uma dessas transformações ajudou muito na evolução das práticas esportivas como, por exemplo, a valorização da balneabilidade litorânea, proporcionando a difusão do uso da orla para diversos propósitos. Veremos posteriormente que o Remo foi bastante beneficiado com as obras do prefeito Francisco Pereira Passos.

Deste modo, modificava-se cada vez mais o espaço urbano da cidade, transformando-a numa cidade moderna, “européia”, higiênica, oxigenada, gerando ocupações em novas áreas, além de melhorar o fluxo de pessoas para as áreas litorâneas.

E foi nas últimas duas décadas do século XIX e no início do século XX que se multiplicaram os clubes de regatas. Daí nasceria posteriormente o Clube de Regatas Vasco da Gama, o qual explicitaremos sua história mais adiante.

### **2.3) AS PRIMEIRAS MODALIDADES ESPORTIVAS**

As práticas esportivas praticadas na virada do século XIX com maior grau de evidência eram o Turfe e o Remo, ambos esportes praticados apenas pelas elites.

O Turfe, a partir de 1850, já demonstrava seu desenvolvimento, uma vez que existia no Rio de Janeiro uma pista para sua prática localizada próxima à Quinta da Boa Vista, perto das residências das elites daquela época. Essa pista foi construída de maneira que todos os detalhes animassem seus freqüentadores, desde sua arquitetura até a localização (MELO, 2001).

Posteriormente, em 1868, nascia um verdadeiro hipódromo, o Prado Fluminense, próximo à estação ferroviária São Francisco Xavier, levando milhares de pessoas às corridas atraídas pelas apostas e pelo requinte elitista que aquele esporte promovia, exercitando o sentimento de distinção, a exemplo do que já acontecia na Inglaterra e na França.

Em sua obra “Cidadesportiva” (2001, p. 31), Melo esboça através de um exemplar do Diário Fluminense, jornal da época, a grandeza de um evento turfístico:

“...tiverão lugar, na Praia de Botafogo, grandes corridas de cavalos, as quais SS.MM.II se dignarão presenciar. A prova apresentava uma interessante vista, o grande número de cavaleiros, de seges, e de embarcações faziam um todo aparatoso: entre o grande número de pessoas que ali vimos, notamos os Exmos. Conde de Palma, Ministro dos Negócios Estrangeiros, o dos Negócios da Justiça, Sir Charles Stuart, e outras muitas pessoas distintas”.

O Remo era outro esporte praticado na cidade que, desde 1851, com muito êxito, conquistou a população com sua narrativa que preconizava uma atividade física capaz de melhorar a saúde, educar os músculos e a moral dos praticantes dessa modalidade. Assim, influenciado por essas teorias e, também, pelo modismo oriundo da *belle époque*, no final do século XIX, inúmeros clubes de regatas surgiram, entre eles, o Club de Regatas Vasco da Gama, em 1898.

Nessa perspectiva, o Remo evoluía cada vez mais e ganhava novos adeptos. Mascarenhas (1999) aponta que tais eventos demandaram, como qualquer outra modalidade esportiva, alterações inéditas na materialidade urbana, até então desprovida de locais e equipamentos adequados.

Além disso, a partir do fim do Império, em 1889, a elite perde a referência política, localizada no bairro de São Cristóvão. Ao mesmo tempo, nascia na cidade um novo caminho de desenvolvimento em que a população carioca expandia-se para a Zona Sul. Essa mudança de postura por certo foi muito importante no desenvolvimento do Remo e no envolvimento das elites com tal esporte.

Francisco Pereira Passos, prefeito da cidade em 1905, estimulou esta migração para a Zona Sul, entre outras obras<sup>1</sup>, investindo maciçamente em campeonatos para difundir sua prática pela juventude carioca. Conseqüentemente, houve uma grande remodelação urbanística e transformações de cunho social e econômico em direção a esta nova área. “O espaço é concebido como *locus* da reprodução das relações sociais de produção, isto é, reprodução da sociedade” (CORRÊA, 1995, p. 26).

O Remo necessita para sua prática o mar, um espaço público que, como visto anteriormente, não possuía nenhum tipo de conservação e cuidado. No litoral, grande parte do lixo era jogada pelo mar, sendo este foco de doenças e mau-cheiro. Felizmente, no final da primeira metade do século XIX, as preocupações com a saneabilidade da cidade ficaram em evidência, visto que seria uma forma de modernizar o país e de identificação com os países europeus. É apropriado lembrar que isso aconteceu no auge da dita *belle*

---

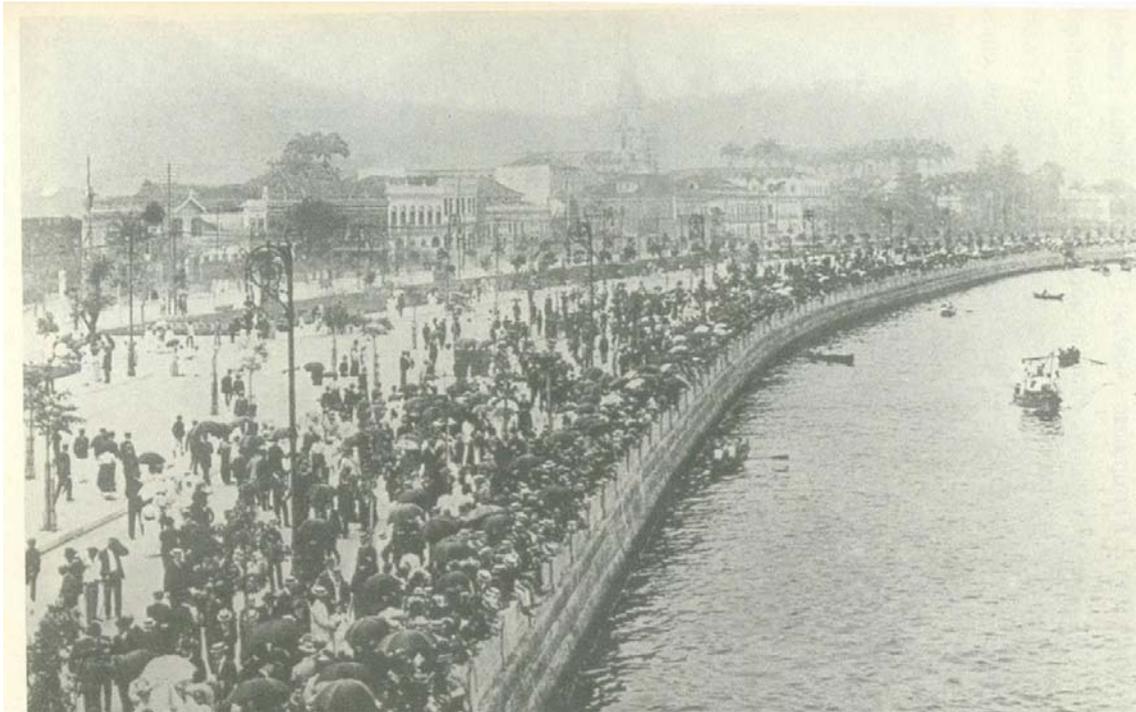
<sup>1</sup> A Avenida Beira-Mar, construída em seu plano de reformas, por exemplo, era palco de grandes disputas ditas modernas e civilizadas de remo.

*époque* carioca em que a preocupação com o modo de vida europeu era algo fundamental para o contexto sócio-econômico da época.

Destaca-se, também, outras práticas esportivas como, por exemplo, as touradas; a patinação que, a partir de seus espaços originaram as primeiras lutas de boxe; as corridas a pé ou atletismo; a natação e o ciclismo que na época eram, na verdade, corridas de velocípedes etc, porém nenhuma delas conseguiu tanto êxito e nem importância sócio-econômica na cidade quanto o Turfe e o Remo (MELO, 2001).

Havia também modalidades que atualmente causam surpresa quando intitulados de esportivas como brigas de galo, jogo do bicho, corridas de cachorro e as de pombo correio. “As práticas consideradas esportivas eram tão díspares que até mesmo o banho de mar eram assim denominados” (MELO, 2001, p. 27).

No capítulo seguinte, analisaremos a ascensão, difusão e evolução do futebol no Rio de Janeiro que, até este momento, era ainda desconhecido pela massa carioca, trabalhado apenas em algumas escolas de características genuinamente européias. Enfocaremos, também, o nascimento do Clube de Regatas Vasco da Gama.



**Foto 1** – Em 1905, a recém-criada Avenida Beira-Mar, o qual atraía milhares de pessoas em dias de regatas.  
Fonte: MALHANO (2002)

**CAPÍTULO 3:**

**FUTEBOL E SUA POPULARIDADE:**

**O VASCO DA GAMA**

Como já visto anteriormente, desde o segundo quartel do século XIX, a cidade do Rio de Janeiro apresentava um cenário urbano em transição, pois as elites encaminhavam-se para a Zona Sul devido, dentre os motivos principais, a preocupação “com a saúde e sua relação com o mar e pela difusão da ideologia que associava a beira-mar aos estilos de vida moderna, banindo os traços rurais das residências e dos bairros” (MELO, 2001, p. 67).

Assim, a simbologia da *belle époque*, juntamente com as diversas obras de modernização da cidade, provocou a ascensão do Remo e, conseqüentemente, a criação de diversos clubes de Regatas. Dessa forma, em 1898 nascia no bairro da Saúde o Club de Regatas Vasco da Gama, que inicialmente tinha como objetivo principal a prática do Remo.

Somente em 1915 seria criado um departamento de futebol no clube, data que marcaria de maneira decisiva e fundamental – através de trabalhadores comuns e negros misturados aos portugueses – a reversão dos valores sociais do futebol brasileiro. Um time formado, sobretudo, por uma classe marginalizada começava também a mostrar desde o início a verdadeira faceta do futebol brasileiro (MALHANO, 2002).

Diferentemente de outros clubes de regatas, “o Vasco não foi fundado pela elite. Seus primeiros sócios eram comerciantes ou assalariados portugueses que viviam na zona norte ou nos subúrbios” (MATTOS, 1997, p. 83).

Como Ferreira (2003, p. 62) já afirma em sua obra sobre a identidade vascaína,

“nem mais o otimista de seus fundadores poderia imaginar que a instituição por eles criada como uma forma de ocupação para os momentos de lazer,

ultrapassasse a marca dos cem anos, vindo a se tornar internacionalmente conhecida graças a uma modalidade esportiva da qual provavelmente nenhum deles ouvira falar anteriormente: o futebol”.

A história do futebol no Brasil é um assunto bastante dilatado, que renderia certamente um estudo minucioso e com uma parcela grande de tempo. Contudo, esta parte do trabalho não tem como objetivo principal ater-se em muitos detalhes, visto que sua função é demonstrar apenas como o futebol se popularizou na cidade, criando alicerces consistentes para o surgimento do futebol no Club de Regatas Vasco da Gama e, conseqüentemente, o Estádio de São Januário, objeto principal de nosso estudo.

### **3.1) ENFIM, SURGE O FUTEBOL NO RIO DE JANEIRO**

Assim sendo, primeiramente, para compreendermos coerentemente a difusão do futebol no Rio de Janeiro, devemos ter em mente que esta se encontra intimamente ligada ao imperialismo inglês, uma vez que, na segunda metade do século XIX, muitos países dependiam de um suporte financeiro oriundo do capital britânico, entre eles o Brasil. Mascarenhas (2002) analisa o futebol como o mais duradouro, disseminado e bem sucedido produto de exportação da sisuda Inglaterra vitoriana.

Em âmbito nacional, Charles Miller é o nome mais divulgado pela mídia escrita e televisiva como o introdutor do futebol no país. Entretanto, no Rio de Janeiro, o jovem, recém-formado bacharel, Oscar Cox esteve mais presente no desenvolvimento do futebol na cidade. “Esses jovens bacharéis aprenderam na Europa não apenas a prática de um novo esporte, mas, sobretudo a dimensão

simbólica deste: o futebol visto como atividade portadora dos benefícios da civilização européia” (MASCARENHAS, 2001, p. 78).

A trajetória desses dois jovens brasileiros descendentes de europeus vindos de famílias abastadas, ricas, indica que os primeiros passos do futebol no Brasil foram de um esporte predominantemente elitista. Todavia, vale destacar que a história de ambos somente não exprime todo o significado do futebol em nosso território e nem explica de forma coerente e clara sua ascensão e difusão.

Pereira (2000) destaca que, mesmo antes do retorno de Cox no Brasil, em 1897, o futebol já era conhecido no Rio de Janeiro – não só nos clubes formados por ingleses, onde era praticado há mais tempo, mas também nas exibições de marinheiros estrangeiros na região do cais do porto ou nos recreios dos colégios elegantes.

Entretanto, foi através de Cox que o “foot-ball” começou a ser praticado com mais assiduidade e seriedade pelos bem-criados jovens cariocas, através de tentativas de “matches” entre, por exemplo, brasileiros e ingleses, esses últimos sócios de um clube da época denominado Rio Cricket, em 1901. “A partida, realizada na manhã de 22 de setembro, um domingo, marcaria para muitos o início do futebol na cidade” (PEREIRA, 2000, p. 24).

Um ano mais tarde e após algumas outras disputas, Cox, juntamente com outros amigos também descendentes de europeus, idealizou a formação de um clube próprio e, em 1902, nascia o Fluminense Foot-ball Club, constituído apenas por rapazes da mais alta sociedade carioca e, consolidando, assim, a prática do futebol entre a juventude da cidade.

Sob a influência refinada do Fluminense, surgia pela cidade diversos clubes entusiasmados pela ascensão do futebol como, por exemplo, o Bangu, o Botafogo e o América. É mister considerar que a preexistência na cidade de um ambiente mais propício para a atividade esportiva, graças principalmente ao Turfe e ao Remo, como relatado anteriormente, torna mais acessível ao futebol sua difusão e prática. É o que Mascarenhas (2002) chama de “base esportiva”, seja ela em âmbito físico, social e/ou simbólico. Dessa forma,

“O futebol se insere nesta onda de adesão a uma vida supostamente atlética e sã. Não casualmente, podemos notar que muitos clubes de futebol no Rio de Janeiro se originaram de agremiações esportivas preexistentes, sejam de regatas (C.R. Flamengo, C.R. Vasco da Gama), de críquete (o Paissandu), de ciclismo e corridas a pé (América F.C.) ou mesmo de extintos clubes excursionistas, como o Botafogo F.C.. Mesmo o Fluminense tem sua origem associada a um clube de natação e regatas” (MASCARENHAS, 2002, p. 134).

Sentindo-se atraída também pelo futebol, a juventude<sup>1</sup> dos bairros mais marginalizados logo mostraria seu anseio em praticar este fidalgo e útil jogo, adaptando praças, terrenos baldios em pequenos campos para disputa de partidas. Contudo, a introdução dessa camada da sociedade no esporte foi extremamente conturbada, visto que o preconceito contra operários, mestiços, negros e pessoas desprovidas de um modo geral era notório. Para muitos, era inaceitável que tais indivíduos exercessem a função de um *sportmen*, termo em inglês muito utilizado na época para caracterizar pessoas de origem elitista praticantes de atividades esportivas.

O Vasco da Gama, ao longo de sua trajetória, teve muitos problemas de cunho racial, o que dificultou demasiadamente sua difusão nas práticas

---

<sup>1</sup> Essa parcela da população foi extremamente importante para o progresso do futebol que, em 1910, ultrapassou o Remo em popularidade, pois, justamente, proliferaram os clubes suburbanos.

esportivas, por agregar negros pobres em seu quadro de atletas. Porém, este tema será abordado a seguir, juntamente com a inclusão do futebol no clube e, também, sua difusão.

### **3.2) O FUTEBOL BATE À PORTA DA COLÔNIA PORTUGUESA**

A colônia portuguesa presente na cidade no início do século XX era relativamente grande e já possuía apreço com relação ao futebol. Tal adoração foi maximizada quando o Botafogo enfrentou um time português com jogadores de diversos clubes. A vitória da equipe lusitana fez aflorar a possibilidade de criar uma equipe de futebol. Apenas uma, o Lusitânia F.C. chegou à frente no cenário futebolístico e, em 1915, uniu-se ao Club de Regatas Vasco da Gama, por ter sido proibido de ingressar, neste mesmo ano, na Liga Metropolitana de Sports Athléticos devido a seu caráter restritivo (permitindo apenas sócios portugueses).

Inicialmente, jogando na Terceira Divisão do campeonato estadual, o Vasco passou por algumas dificuldades e, segundo Ferreira (2003), a equipe iniciou uma melhora a partir do ingresso de jogadores negros e mulatos no plantel, vindo do subúrbio carioca. Isso não era uma exclusividade do Vasco da Gama. Outros times suburbanos apresentavam essa mesma característica como, por exemplo, o Bangu<sup>2</sup> e o Vila Isabel, porém, os jogadores do Vasco, “entrosados com os portugueses formaram a estrutura da equipe que mudariam os rumos do futebol brasileiro, na época, amador/elitista” (MALHANO, 2002, p. 90).

---

<sup>2</sup> Antes mesmo do Vasco, o Bangu foi o primeiro clube a permitir que um negro integrasse uma equipe de futebol.

Concedendo aos seus jogadores oportunidades de trabalho e, até mesmo, moradia, um dos motivos para a escalada de sucesso do Vasco no futebol foi a formação de um time verdadeiramente de jogadores. Até então, os outros times eram formados por médicos, estudantes, advogados que, apenas nas horas vagas, reuniam-se para praticar o esporte.

As equipes das elites como Fluminense, Flamengo, América e Botafogo iniciavam seus descontentamentos com relação a esse novo cenário social no futebol, tentando de alguma forma impedir a ascensão vascaína.

A forma mais marcante de discriminação ocorrida nesta época foi o preconceito racial junto aos atletas negros e mestiços que compunham alguns times suburbanos. A Liga de futebol da época criou diversos empecilhos para tentar minimizar a ascensão do Vasco. Podemos corroborar este fato através da proibição estabelecida pela Liga Metropolitana de Sports Atléticos, em 1907, de não registrar como amadores, “as pessoas de cor”. Além disso, tentaram exigir dos clubes pequenos, inclusive o Vasco, que estes se submetessem a uma “investigação das posições sociais” de seus jogadores. Os clubes pequenos teriam que eliminar de seus quadros jogadores considerados profissionais. Isso não abalou a comunidade portuguesa que vencida todos os obstáculos elitistas, até porque, segundo Mattos (1997, p. 84), “a trajetória do clube lembrava em muito a trajetória dos próprios imigrantes portugueses vindos para o Brasil em busca de uma vida melhor do que a que tinham em uma península quase desgarrada da Europa”. Afinal, os portugueses também sofriam certos preconceitos. E a mesma autora ainda complementa: “a estratégia de europeização brasileira da *belle époque* não incluía os portugueses” (MATTOS, 1997, p. 84).

Após alguns anos, em 1924, o futebol carioca passou por uma cisão e os principais times da cidade como o Fluminense, Flamengo e Botafogo, desligaram-se da Liga Metropolitana de Desportos Terrestres (LMDT) e fundaram a Associação Metropolitana de Esportes Atléticos (AMEA).

Com esta nova associação, diversas leis com caráter restritivo foram postas em prática com o intuito de travar a evolução de times como o Vasco da Gama e, conseqüentemente, a inclusão de negros e pobres. Entre diversas leis segregadoras, podemos destacar: as equipes tinham de ser formadas por estudantes ou trabalhadores que não exercessem funções subalternas, com exceção aos operários, adendo feito por causa do Bangu, time com jogadores proletários, só que nunca havia ganho um campeonato; os jogadores não podiam ser analfabetos e os clubes deveriam possuir estádio próprio, capaz de acolher um número razoável de torcedores, para participarem dos campeonatos.

Dentre todas essas imposições, esta última foi o maior empecilho para o clube. A ausência de um estádio apropriado para a prática de grandes partidas era um grande problema no caminho do Vasco. O campo localizado na Rua Morais e Silva era totalmente inadequado para praticar partidas oficiais, de acordo com os padrões exigidos da época.

Por causa destas imposições, o Vasco não ingressou na AMEA, participou do campeonato de 1924 pela LMDT e protestou veementemente através de uma carta escrita pelo então presidente do clube, José Augusto Prestes:

“As resoluções divulgadas hoje pela imprensa, tomadas em reunião de ontem pelos altos poderes da Associação a que V.Exa tão dignamente preside, colocam o Club de Regatas Vasco da Gama numa tal situação de inferioridade,

que absolutamente não pode ser justificada nem pela deficiência do nosso campo, nem pela simplicidade da nossa sede, nem pela condição modesta de grande número dos nossos associados.

Os privilégios concedidos aos cinco clubes fundadores da AMEA e a forma por que será exercido o direito de discussão e voto, e feitas as futuras classificações, obrigam-nos a lavrar o nosso protesto contra as citadas resoluções.

Quanto à condição de eliminarmos doze (12) dos nossos jogadores das nossas equipes, resolve por unanimidade a diretoria do Club de Regatas Vasco da Gama não a dever aceitar, por não se conformar com o processo por que foi feita a investigação das posições sociais desses nossos consócios, investigações levadas a um tribunal onde não tiveram nem representação nem defesa.

Estamos certos que V.Exa. será o primeiro a reconhecer que seria um ato pouco digno da nossa parte sacrificar ao desejo de filiar-se à AMEA alguns dos que lutaram para que tivéssemos entre outras vitórias a do campeonato de futebol da cidade do Rio de Janeiro de 1923.

São esses doze jogadores jovens, quase todos brasileiros, no começo de sua carreira e o ato público que os pode macular nunca será praticado com a solidariedade dos que dirigem a casa que os acolheu, nem sob o pavilhão que eles, com tanta galhardia, cobriram de glórias.

Nestes termos, sentimos ter que comunicar a V.Exa. que desistimos de fazer parte da AMEA.

Queira V.Exa. aceitar os protestos de consideração e estima de quem tem a honra de se inscrever, de V.Exa. At. Vnr. Obrigado” ([www.crvascodagama.com](http://www.crvascodagama.com)).

Apenas anos depois o Vasco ingressou na AMEA, agora com todos os obstáculos ultrapassados. O principal feito foi a construção do Estádio de São Januário, que se tornaria a sede principal do Club de Regatas Vasco da Gama e a maior referência esportiva da época, na cidade, como veremos a seguir.



**Foto 2** – À esquerda e agachado, o primeiro jogador negro a ingressar numa equipe de futebol.

Fonte: O Malho (1905) apud PEREIRA (2000).

**CAPÍTULO 4:**

**O ESTÁDIO DE SÃO JANUÁRIO COMO**

**CENTRALIDADE**

Como dito no capítulo anterior, o estádio de São Januário, construído com a ajuda de doações de torcedores, foi criado com o intuito de fazer o clube ingressar na AMEA, Associação Metropolitana de Esportes Amadores, fundado pelos clubes grandes que abandonaram a Liga Metropolitana de Futebol, uma vez que para uma agremiação fazer parte dela deveria ter um estádio próprio.

Portanto, o clube iniciou uma grande campanha entre seus simpatizantes para arrecadar dinheiro e, assim, construir o estádio. Era apenas o início da criação de um imponente monumento e o surgimento de uma centralidade no bairro em que se localiza.

#### **4.1) A CONSTRUÇÃO DO ESTÁDIO**

O capital para financiar a compra do terreno e, posteriormente, a construção do estádio se deu através de diversas doações feita pela colônia portuguesa e por brasileiros de diferentes locais do país. Uns mandavam jóias, ouro, outros ofereciam sua mão-de-obra, cimento e dinheiro. Tal mobilização ficou conhecida como a Campanha dos 10 mil (ARAGÃO 2003; MATTOS, 1997).

O local escolhido para a construção do estádio foi o bairro de São Cristóvão que, naquela época, já não apresentava mais características de bairro imperial, pois, como visto no capítulo dois, uma parcela significativa da população migrara para a Zona Sul da cidade, transformando o bairro de arrabalde aristocrático em bairro proletário, industrial.

Conseqüentemente, havia uma grande disponibilidade de terrenos à venda em São Cristóvão a preços acessíveis, fator determinante para

proporcionar a compra pelo clube de um terreno com 65.445m<sup>2</sup> para a construção do estádio. Além disso, aquela área tinha grande facilidade de acesso através dos bondes<sup>1</sup>. Foi, aliás, o único meio de transporte durante muito tempo, que levava e trazia os operários e, posteriormente, torcedores em dias de jogos.

Após a compra do terreno, onze meses depois, no dia 21 de abril de 1927, era inaugurado o estádio de São Januário, o maior estádio de futebol daquela época com capacidade estimada para 40.000 pessoas. A construção do estádio coube a Cristiani & Nielsen, prestigiosa empresa que pouco antes havia erguido o Jockey Club Brasileiro no hipódromo da Gávea (MALHANO, 2002).

#### **4.2) SÃO JANUÁRIO COMO INSTRUMENTO POLÍTICO**

Após sua inauguração, São Januário não se restringiu apenas como local para disputa de jogos de futebol. Era também uma importante referência como o principal palco de eventos e manifestações cívicas na cidade.

Getúlio Vargas, por exemplo, soube aproveitar da grandiosidade do estádio discursando para dezena de milhares de pessoas em seu palanque privativo. Dentre diversas comemorações marcantes, podemos destacar as festas de 1º de maio, em homenagem ao Dia do Trabalho. Esta data foi utilizada para anunciar ao país, em 1940, a criação do salário mínimo e, em 1943, a promulgação da Consolidação das Leis do Trabalho, a CLT (MALHANO, 2002).

---

<sup>1</sup> Era o chamado bonde 53, mais conhecido como bonde de São Januário, cantado em samba, escrito por Wilson Batista e Ataulfo Alves no ano de 1941.

Caracterizado por um caráter populista, seu governo tendia a vincular a vivacidade do futebol às suas obras políticas como forma de atrelar a sua imagem como Presidente da República em defesa da classe trabalhadora brasileira.

Ferreira (2003) lembra que em alguns momentos o bairro de São Cristóvão vivenciava seus belos tempos de bairro imperial, uma vez que naquela época havia uma intensa atenção à vida política e social em nível nacional. É válido lembrar que isso tudo acontecia em um estádio localizado no qual o bairro era considerado de subúrbio, São Cristóvão, para o qual as multidões da Zona Sul e do Centro se deslocavam em dias festivos.

Os movimentos políticos e cívicos que ocorriam em São Januário naquela época já indicavam que o estádio tornar-se-ia uma referência naquela área, reproduzindo ações que alteram o espaço em questão. Trataremos deste enfoque a seguir.

#### **4.3) O ESTÁDIO E SUA REPRODUÇÃO NO ESPAÇO**

A cristalização do estádio naquela área tornou-se um marco espacial para o Vasco da Gama e para o panorama sócio-político da época. A partir de sua inauguração, o estádio causou modificações contextuais para o espaço em questão, já que, “o espaço constitui uma realidade objetiva, um produto social em permanente processo de transformação. O espaço impõe sua própria realidade” (SANTOS, 1985, p. 49).

Ainda hoje vemos inúmeras transformações espaciais como, por exemplo, em dias de jogos do Vasco. A área em que se localiza o estádio sofre

mudanças em diversos sentidos, desde o acréscimo do fluxo de pessoas, o aumento no número de trabalhadores informais, intensificação das vendas no comércio ao redor, até em alterações no trânsito etc. Enfim, são diversas mudanças que alteram o espaço devido às interações espaciais que ali ocorrem, pois

“constituem um amplo e complexo conjunto de deslocamentos de pessoas, mercadorias, capital e informação sobre o espaço geográfico. Podem apresentar maior ou menor intensidade, variar segundo a frequência de ocorrência e, conforme a distância e direção, caracterizar-se por diversos propósitos e se realizar através de diversos meios e velocidades” (CORRÊA, 1997, p. 279).

Milton Santos (1977) ainda ressalva a importância de não desassociarmos uma formação sócio-econômica do espaço, pois esses são categorias que estão interligadas. “Os modos de produção tornam-se concretos numa base territorial historicamente determinada (...) as formas espaciais constituem uma linguagem dos modos de produção” (SANTOS apud CORRÊA, 1995, p.26).

Ferreira (2004) ressalta que a construção de um equipamento de tamanha dimensão representa significativamente “ao nível do simbólico quanto do concreto, criando uma territorialidade própria, (...) palco de cristalização das representações coletivas” (p. 80).

São Januário insere-se também na dinâmica em tela como a maior centralidade do bairro. “O centro funcional organiza-se a fim de oferecer a um espaço a ele ligado, por meios de circulação mais eficientes, os serviços indispensáveis à vida cotidiana” (DUARTE, 1974, p. 55). Analisaremos este enfoque no tópico seguinte.

#### 4.4) O ESTÁDIO COMO CENTRALIDADE

A arquitetura do estádio de São Januário<sup>2</sup> foi influenciada pelo período neoclássico da época, resquícios da Reforma de Pereira Passos que

“(...)possibilitou a difusão de determinadas técnicas de pré-fabricação de detalhes arquitetônicos por meio do ecletismo. Uma arquitetura historicista de fachadas ornadas com elementos neoclassizantes, e outros que expressavam seus edifícios ecléticos a internacionalização do comércio da economia do Brasil,(...)” (MALHANO, 2002, p. 121).

Os contornos da fachada do estádio, além de suas portas, janelas, telhados simbolizam o valor estético dos elementos arquitetônicos tradicionais brasileiros de origem lusa (MALHANO, 2002, p. 123).

A sua forma, “aspecto visível, exterior, de um objeto, seja visto isoladamente, seja considerando-se o arranjo de um conjunto de objetos, formando um padrão espacial” (CORRÊA, 1995, p. 28), demanda uma série de detalhes e imponentes, de fácil visibilidade, contrastando na paisagem com o seu entorno, um ambiente desprovido de luxo e beleza. Paralelamente, sua função, “tarefa ou atividade esperada de uma forma, pessoa, instituição ou coisa” (SANTOS, 1985, p. 50), que corresponde ao maior lazer nacional, ou seja, o futebol, colabora também com a confirmação de que o estádio de São Januário articula na área um fixo geográfico e, segundo Santos (1999), os elementos fixos, fixados em cada lugar, permitem ações que modificam o próprio lugar.

Os arredores de São Januário compõem-se com uma vizinhança dominada por pequenas casas simples, predominantemente de classe média-

---

<sup>2</sup> Obra idealizada pelo arquiteto português Ricardo Severo.

baixa, edifícios pequenos, comércio local de pequeno porte, principalmente bares, armazéns, bancas de jornal, padarias etc. Além disso, o Estádio está localizado ao lado de uma favela horizontal, a Barreira do Vasco, um local degradado e carente de serviços públicos básicos, uma espécie de “periferia da periferia local” (FERREIRA, 2004), já que a área em questão já se apresenta como um ponto pouco desenvolvido.

A sede de São Januário, localizada na Rua General Almério de Moura, 131 é o principal patrimônio do Club de Regatas Vasco da Gama. Nele, concentra-se o campo de futebol, o parque aquático, ginásio polivalente, quadras, campos para recreação e treinamento, quadras de tênis, instalações para esportes olímpicos, concentração para moradia de atletas, a parte administrativa do clube (com exceção da administração do remo), um restaurante, uma lanchonete, bares, o salão de troféus, a capela de Nossa Senhora das Vitórias, um mini-hospital, sala de computadores e centro de memória<sup>3</sup>.

Além disso, o clube tem se apropriado de diversos terrenos em torno do estádio como, por exemplo, praticamente todo o quarteirão em volta de São Januário, anexando, aproximadamente, 14.000 m<sup>2</sup> ao seu patrimônio ([www.crvascodagama.com](http://www.crvascodagama.com)). Essa área foi utilizada para alojamento de atletas do clube. Veja, ao final deste capítulo, a foto 9.

Ao analisar tal contexto, podemos perceber que o clube vem ganhando cada vez mais aspectos de centralidade devido à ampliação de seu território, possibilitando, assim, um aumento de seu poder na área. É o que Raffestin (1993) aponta como a “cena do poder”, isto é, o território pode ser definido

---

<sup>3</sup> De acordo com o *site* [www.crvascodagama.com](http://www.crvascodagama.com).

como “um recorte espacial onde se sucedem relações de poder com vista à dominação da área” (SILVA, 2002, p. 19). Um fato que ratifica esta relação de poder é a recente criação do bairro de Vasco da Gama que veremos detalhadamente mais adiante.

Dessa forma, por ser um ponto de concentração, receptor e/ou emissor de fluxos sociais e comerciais (DUARTE, 1974), e pelo fato de um estádio de futebol se apresentar freqüentemente como uma paisagem durável, devido ao grande investimento necessário para edificação, e ampla visibilidade, decorrente do porte físico, podemos considerar São Januário como forte centralidade física e simbólica no espaço que o cerca (MASCARENHAS, 1999). É o que Mello (2002) classifica como centralidade esportiva em sua obra sobre as Explosões de Centralidades na cidade do Rio de Janeiro. “A centralidade é também considerada em decorrência das interações entre os lugares centrais e suas respectivas áreas de influência” (MELLO, 2002, p. 113).

Portanto, percebemos que, devido ao seu valor histórico, arquitetônico e funcional, o estádio de São Januário possui uma influência na sociedade em que ele está atrelado, tornando-se o maior ponto de referência no bairro, além de despontar como uma paisagem altamente perceptível.

#### **4.5) A CRIAÇÃO DO BAIRRO**

No ano de 1997, um projeto do vereador (e torcedor), Áureo Ameno, cria o bairro de Vasco da Gama<sup>4</sup>, pela subdivisão do bairro de São Cristóvão,

---

<sup>4</sup> O projeto de lei 425/97 foi sancionado pela Câmara Municipal do Rio de Janeiro no dia 28 de agosto de 1998, justamente na semana em que a equipe de futebol do Vasco conquistou o inédito título da Copa Libertadora da América em Guayaquil, no Equador.

transformando a área onde fica o estádio de São Januário e adjacências em um novo bairro carioca.

Áureo Ameno alegou que para a criação do bairro a área apresentava uma identidade vascaína. Todavia, o processo que gerou a formação do bairro é, principalmente, oriundo de uma ação política. Não há nenhuma identificação dos moradores com este novo bairro (FERREIRA, 2003). Muitos, até mesmo, ainda desconhecem a criação deste, porém isto não enfraquece a importância do estádio de São Januário.

A criação deste bairro exemplifica que o clube pretende criar uma territorialidade própria, expandindo sua esfera de poder e, conseqüentemente, corroborar a centralidade do estádio.

---

A delimitação deste recente bairro, que possui 86,31 ha, pode ser verificada através do projeto de lei anexado no final deste capítulo.



**Foto 3** – Pedra fundamental da construção de São Januário.

Fonte: MALHANO (2002).



**Foto 4** – Vista área do estádio no período da sua construção.

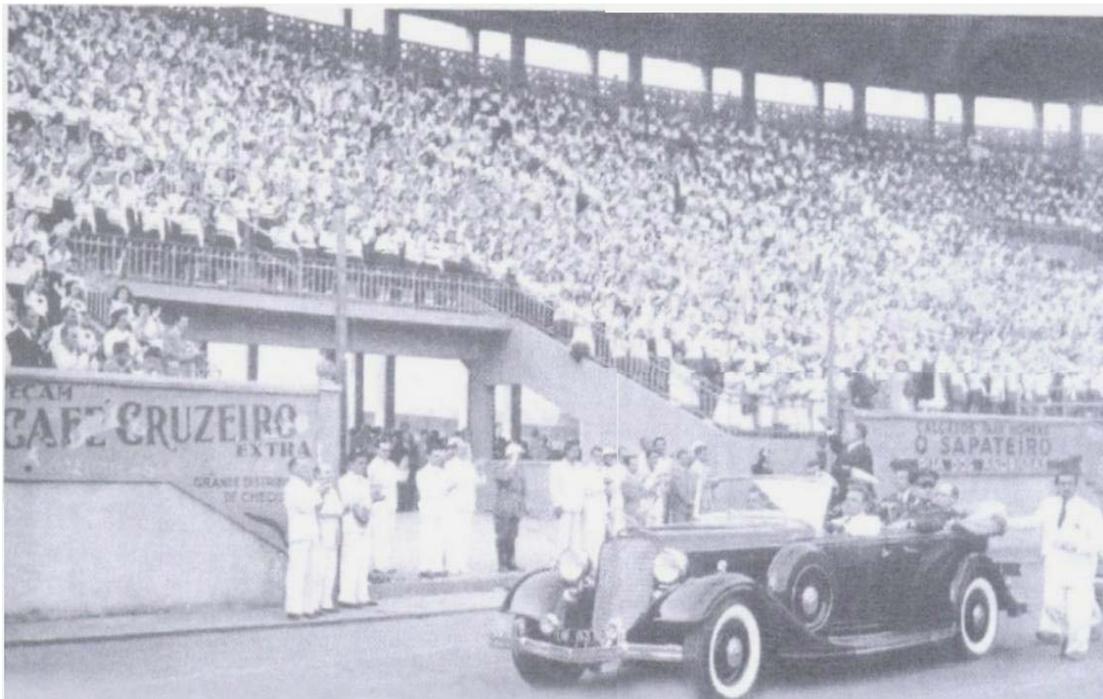
Fonte: [www.netvascao.com.br](http://www.netvascao.com.br)



**Foto 5** – Cerimônia de inauguração do estádio.  
Fonte: [www.crvascodagama.com](http://www.crvascodagama.com)



**Foto 6** – Fachada do estádio nos primeiros anos de sua existência.  
Fonte: [www.crvascodagama.com](http://www.crvascodagama.com)



**Foto 7** – Desfile do então presidente da República, Getúlio Vargas, em São Januário.  
Fonte: MALHANO (2002).



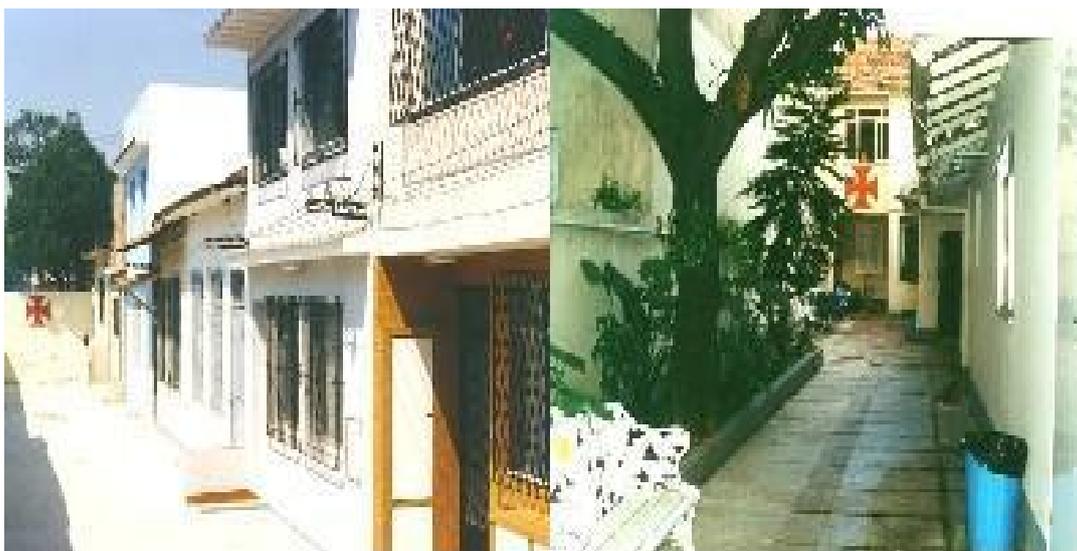
**Foto 8** – Entrada principal do estádio: logo em frente, destaca-se a existência do comércio informal.  
Fonte: Foto do autor (2004).



**Foto 9** – Vista aérea da área comprada pelo Vasco da Gama.  
Fonte: [www.crvascodagama.com](http://www.crvascodagama.com)



**Foto 10** – Casas compradas pelo clube.  
Fonte: [www.crvascodagama.com](http://www.crvascodagama.com)



**Foto 11** – Algumas vilas do bairro foram compradas pelo Vasco e tornaram-se residências de atletas.  
Fonte: [www.crvascodagama.com](http://www.crvascodagama.com)



**Foto 12** – Rua (praticamente intrafegável) em frente ao estádio em dias de jogos.  
Fonte: Foto do autor (2004)



**Mapa 2** – O bairro Vasco de Gama.

FONTE: <http://portalgeo.rio.rj.gov.br/bairros Cariocas/>



**CÂMARA MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO**

**PROJETO DE LEI Nº 425  
DE 1997**

**CRIA O BAIRRO DE VASCO DA GAMA,  
PELA SUBDIVISÃO DO BAIRRO DE  
SÃO CRISTOVÃO, ÁREA DA AP 1, VII  
REGIÃO ADMINISTRATIVA.**

Autor: Vereador Áureo Ameno

A Câmara Municipal do Rio de Janeiro

**D E C R E T A:**

Art. 1º - Fica criado o bairro de Vasco da Gama pela subdivisão do bairro de São Cristovão, área da AP 1, VII Região Administrativa.

Art. 2º - O bairro de Vasco da Gama terá os seguintes limites:

- I - Rua Prefeito Olímpio de Melo - desde a Rua Ubatinga até a Rua Bela;
- II - Rua Bela - desde a Rua Prefeito Olímpio de Melo até a Rua General Bruce;
- III - Rua General Bruce - desde a Rua Bela até a Rua São Januário;
- IV - Rua São Januário - desde a Rua General Bruce até a Rua Teixeira Júnior;
- V - Rua Teixeira Júnior - desde a Rua São Januário até a Rua General Almério de Moura;
- VI - Rua General Almério de Moura - desde a Rua Teixeira Júnior até a Rua Ferreira de Araújo;



**CÂMARA MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO**

VII - Rua Ferreira de Araújo - desde a Rua General Almério de Moura até a Rua Ubatinga; e

VIII - Rua Ubatinga - em toda sua extensão, desde a Rua Ferreira de Araújo até a Rua Prefeito Olímpio de Melo.

Art. 3º - Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Câmara Municipal do Rio de Janeiro, em                      de agosto de 1998.

**SAMI JORGE HADDAD ABDULMACIH**  
**Presidente**

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao analisarmos o processo de produção de um objeto geográfico como o caso do estádio de São Januário, percebemos que ele se encontra atrelado a um valor simbólico representado por sua bela arquitetura de origem lusitana e pela grande história esportiva que o Club de Regatas Vasco da Gama possui na cidade, além de sua larga importância como centralidade no bairro em que se localiza, dominando a paisagem local.

Ao estudarmos o exemplo de São Januário, faz-se necessário lembrarmos que a construção de uma base esportiva na cidade do Rio de Janeiro foi algo que durou muito tempo até se tornar algo sólido e consistente no cotidiano de cada indivíduo carioca. Primeiramente, influenciado pelos moldes sócio-culturais europeus, a *belle époque*, o Rio de Janeiro vivenciou o charme que o Turfe desempenhava nos momentos de lazer das elites da cidade.

Posteriormente, o Remo, estimulado pelas reformas urbanísticas do governo vigente daquela época, tornou-se primordial para que diversos clubes nascessem e expandissem seu interesse pelos esportes para outras modalidades. Este é o caso de diversos clubes de regatas que atualmente têm seus nomes ligados mais ao futebol do que no Remo como, por exemplo, o Vasco da Gama, o Flamengo e o Botafogo.

A ascensão e, posteriormente, a consolidação do futebol como esporte de massa na cidade do Rio de Janeiro, ultrapassando até mesmo o Remo em popularidade, trouxe consigo um legado de instrumentos que no decorrer do tempo alterariam o espaço que o cercava. Com um estádio de futebol não seria diferente. Ao longo de sua existência, São Januário acarretou em diversas conseqüências para a área em termos espaciais.

Consolidado como um monumento no subúrbio que transcende sua função esportiva, o Estádio deve ser analisado também como um objeto geográfico reprodutor do espaço.

Em dias de jogos, esse empreendimento esportivo é capaz de alterar o espaço urbano como, por exemplo, através da ampliação do comércio informal e intensificação das vendas no comércio formal, alterações no trânsito, aumento da circulação de pessoas, maior mobilização de segurança etc. Essas questões foram vivenciadas em trabalhos de campo e entrevistas com moradores e comerciantes da área.

Percebemos que o Estádio de São Januário foi o maior responsável para a criação deste recente bairro carioca, o bairro Vasco da Gama, dominando a paisagem numa área pobre em equipamentos e funções (FERREIRA, 2004).

A partir deste trabalho, foi possível fazer uma análise de como um estádio de futebol, pode compor importante centralidade física e simbólica e tende a penetrar no imaginário, nos mapas mentais das pessoas, estabelecendo um diálogo durável com a sociedade e também com o seu entorno, além de constituir uma grande referência para a área.

## ***REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS***

---

## 1.1) BIBLIOGRAFIA

ABREU, Maurício de A. *Evolução urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: IPLANRIO, 1997.

ARAGÃO, Claudio. *A história do Vasco da Gama em cordel*. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2003.

AUGUSTIN, Jean-Pierre. *Les Territoires Incertains du Sport*. Cahiers de Géographie , 114 (41), dez. 1997.

BALE, John. *Sports Geography*, London: E. & F.N. Spon, 1989.

BRENA, Giovanna R. D. *Uma cidade em questão: duas etapas de uma proposta interdisciplinar*. Revista do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, v.1, n.1, p.7-13, dezembro/1985. p.8.

CORREA, Roberto L. *O espaço urbano*. São Paulo: Ed. Ática, 1989.

\_\_\_\_\_. *Espaço, um conceito-chave da Geografia* In: CASTRO, I. E., CORREA, R. L. e GOMES, P. C. C. (orgs.). *Geografia: Conceitos e Temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995, p. 15-47.

\_\_\_\_\_. *Interações Espaciais*. In: CASTRO, I. E., CORREA, R. L. e GOMES, P. C. C. (orgs.) *Explorações Geográficas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997, p. 279-318.

DUARTE, Haidine S. B. *A cidade do Rio de Janeiro: descentralização das atividades terciárias*. Os centros funcionais. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 36, n. 1, p. 53-98. Jan/mar. 1974.

FERREIRA, Fernando da C. *Dos jesuítas ao Almirante: o processo de formação do bairro Vasco da Gama*. Monografia de Pós-Graduação em Políticas Territoriais no Estado do Rio de Janeiro. Uerj. Fevereiro, 2003.

\_\_\_\_\_. *O bairro Vasco da Gama: um novo bairro, uma nova identidade?* Dissertação de Mestrado. Universidade Federal Fluminense. Agosto, 2004.

HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura*. São Paulo: Perspectiva, coleção Estudos, vol. 4, 1996.

MALHANO, Clara E. S. M. B. *São Januário: arquitetura e história*. Rio de Janeiro: Mauad: FAPERJ, 2002.

MASCARENHAS, Gilmar. *A Geografia e os Esportes: uma pequena agenda e amplos horizontes*. Conexões: Educação, Esporte, Lazer. Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), junho de 1999, p. 46-59.

\_\_\_\_\_. *Construindo a Cidade Moderna: a introdução dos esportes na vida urbana do Rio de Janeiro*. Revista Estudos Históricos. Rio de Janeiro, CPDOC (Fundação Getúlio Vargas). Número 23, p, 17-39, junho de 1999.

\_\_\_\_\_. *A bola nas redes e o enredo do lugar: uma geografia do futebol e de seu advento no Rio Grande do Sul*. Tese de Doutorado em Geografia Humana, Universidade de São Paulo, 2001.

\_\_\_\_\_. *Considerações Teórico-metodológicas sobre a Difusão Espacial do Futebol*. In: Revista do Departamento de Geografia, Rio de Janeiro, UERJ, n. 10, p. 73-82, Setembro de 2001.

\_\_\_\_\_. *O lugar e as redes: futebol e modernidade na cidade do Rio de Janeiro*. In: MARAFON, G. e RIBEIRO, M. (orgs.) Estudos de Geografia Fluminense. Rio de Janeiro: Infobook, 2002, p. 127-142.

MATTOS, Claudia. *Cem anos de paixão: uma mitologia carioca no futebol*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

MELO, Victor A. *Cidadesportiva: primórdios do esporte no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Relume Dumaré: FAPERJ, 2001.

MELLO, João B. F. *Explosões de Centralidades na Cidade do Rio de Janeiro*. In: MARAFON, G. e RIBEIRO, M. (orgs.) *Estudos de Geografia Fluminense*. Rio de Janeiro: Infobook, 2002(a), p. 113-126.

MUÑOZ, F. *Historic evolution and urban planning typology of Olympic villages*, Centre d'Estudis Olímpics i de l'Esport. Barcelona, 1996.

NEGREIROS, Plínio L. C. *O estádio do Pacaembu*. In: *Coletânea do V Encontro de História do Esporte, Lazer e Educação Física*, Ijuí: Editora da UNIJUÍ, p. 31-44, 1997.

PEREIRA, Leonardo A. de M. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro: 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO E COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO. *XV Jogos Pan-americanos*. Rio de Janeiro. Outubro, 2003.

PRESTES, José A. *História do C.R. Vasco da Gama*. Disponível na Internet: <http://www.crvascodagama.com/historia/historia.html>. 21 de abril, 2004.

RAFFESTIN, Claude. *Por uma geografia do poder*. São Paulo: Ed. Ática, 1993.

SANTOS, Milton. *Society and Space: Social Formation as Theory and Method*.  
Antípode, Worcester 9(1):3-13. 1977.

\_\_\_\_\_. *Espaço e Método*. São Paulo: Editora Nobel, 1985.

\_\_\_\_\_. *A natureza do espaço: espaço e tempo: razão e emoção*. São  
Paulo: Editora Hucitec. 1999. 308 p.

SILVA, Jan C. *O Conceito de território na Geografia e a territorialidade da  
prostituição*. In: RIBEIRO, M. A. (org.) *Território e Prostituição na Metrópole  
carioca*. Rio de Janeiro: Ed. Ecomuseu Fluminense, 2002.

## **1.2) ENDEREÇOS ELETRÔNICOS**

<http://portalgeo.rio.rj.gov.br/bairros Cariocas/>

[www.armazemdedados.rio.rj.gov.br](http://www.armazemdedados.rio.rj.gov.br)

[www.ceme.eefd.ufrj.br/ive](http://www.ceme.eefd.ufrj.br/ive)

[www.crvascodagama.com](http://www.crvascodagama.com)

[www.netvascao.com.br](http://www.netvascao.com.br)

[www.netvasco.com.br](http://www.netvasco.com.br)

[www.rio.rj.gov.br](http://www.rio.rj.gov.br)